

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIANTURA EM PEDAGOGIA**

JANAÍNA DA SILVA XAVIER

**A MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM
DESAFIO PARA O TRABALHO DOCENTE**

**JOÃO PESSOA
DEZEMBRO - 2017**

JANAÍNA DA SILVA XAVIER

**A MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DESAFIO
PARA O TRABALHO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Janaína da Silva Xavier, apresentado a Universidade Federal da Paraíba, do Centro de Educação, como requisito da nota da disciplina de TCC.

Professores Orientadores: Severino Bezerra da Silva e Eduardo Antonio de Pontes Costa.

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO - 2017

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

X3m Xavier, Janaina da Silva.
A motivação na Educação de Jovens e adultos: O desafio
para o trabalho docente / Janaina da Silva Xavier. -
João Pessoa, 2018.
33 f.

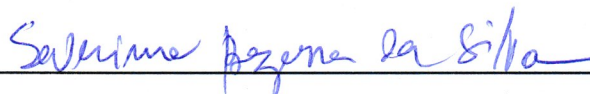
Orientação: Eduardo Antonio de Pontes Costa.
Coorientação: Severino Bezerra da Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/ce.

1. Formação. Prática docente. Motivação. I. Costa,
Eduardo Antonio de Pontes. II. Silva, Severino Bezerra
da. III. Título.

UFPB/BC

A MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DESAFIO PARA O TRABALHO DOCENTE

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof. Severino Bezerra da Silva

Prof. Eduardo Antonio de Pontes Costa

Profa. Quézia Vila Flor Furtado

JOÃO PESSOA-PB
DEZEMBRO DE 2017

Dedicatória

Primeiramente a Deus pois sem ele nada poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, Maria Aparecida e Florisvaldo, por todo amor e apoio dado durante toda a minha vida, e por serem tão essenciais durante todos os anos acadêmicos.

Aos meus amigos, Emanuel, Raquel, Luana, Josiedna, Suêny, por terem me dado apoio. E Ítalo por ter está sempre comigo nesta nova etapa da minha vida onde quero conseguir fazer com que minha família reconheça Jesus como único e verdadeiro salvador.

Ao meu irmão Lucas que sempre estive comigo tentando me ajudar da melhor maneira.

Ao meu tio Marcelo e sua esposa e também tia Alta Neta, pessoas muito importantes na minha vida.

Ao meu Deus, Jesus Cristo nosso senhor e nossa mãe Maria que me abençoou com saúde, amor e capacidade para estar sempre lutando pelos objetivos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus pois ele é o principal na vida de todos e uma folha só cai de uma árvore se for vontade e permissão dele, e ele tem me sustentado até hoje de uma maneira divina, e tudo o que sou e tenho devo a Deus.

Aos meus professores orientadores, Eduardo Antonio de Pontes Costa e Severino Bezerra da Silva, pela paciência, dedicação, comprometimento e amizade que tiveram durante todo o trabalho que realizado que não foi fácil.

A Universidade Federal da Paraíba que me proporcionou a oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Aos professores que durante todo o curso marcaram minha vida acadêmica de maneira significativa, em especial, e a todos os outros que me ajudaram a me tornar um profissional na área da educação.

As minhas amigas e amigos companheiros de curso, que ao longo de tantos anos viveram juntamente comigo, emoções e conquistas de um estudante da graduação.

Resumo

A Educação de Jovens e Adultos se constitui como uma área importante na produção de conhecimento. A escolha teórica que sustenta a presente pesquisa tem a Constituição Federal (CF), de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, e o Parecer CNE/CEB nº 11/2000. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caso, com base na história oral (MEIHY; HOLANDA, 2014), sendo utilizada entrevista do tipo semiestruturada (GIL, 2008). O objetivo foi investigar limites e avanços enfrentados pelos docentes nas práticas de ensinar e de aprender na EJA. Alguns dados analisados indicam para ausência de formação específica do professor regente para atuar na educação de jovens e adultos, bem como para a elaboração de planejamento. Concluímos que há, ainda, desafios na educação de adultos com relação à formação docente adequada, ao distanciamento entre a escola e o contexto de vida dos alunos, ao uso de metodologias adequadas.

Palavras-chave: Formação. Prática docente. Motivação.

ABSTRACT

Youth and Adult Education is an important area in the production of knowledge. The theoretical choice that supports this research has the Federal Constitution (CF) of 1988, the Law of Directives and Bases of National Education (LDB) 9394/96, and Opinion CNE / CEB nº 11/2000. From a methodological point of view, this is a case study, based on oral history (MEIHY; HOLLAND, 2014), using semi-structured interviews (GIL, 2008). The objective was to investigate limits and advances faced by teachers in the practices of teaching and learning in the EJA. Some data analyzed indicate absence of specific training of the regent teacher to act in the education of young people and adults, as well as for the elaboration of planning. We conclude that there are still challenges in adult education regarding adequate teacher training, the distance between the school and the students' life context, and the use of appropriate methodologies.

Keywords: Formation. Teaching practice. Motivation of teachers.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
1.1. Objetivos.....	10
1.1.1 Objetivo Geral	
1.1.2 Objetivos Gerais	
2. Marco Teórico.....	11
3. Metodologia.....	20
3.1 Contexto da pesquisa e observações com a Turma do Ciclo II...21	
4. Resultados e discussão.....	22
4.1 Motivação do docente na EJA.....	23
4.2 Planejamento com as turmas.....	26
4.3 Práticas e estratégias de ensino.....	28
4.4 A escolha e o uso do livro didático.....	29
6. Considerações Finais.....	31
7. Referências.....	32

1.Introdução

Quando eu escolhi o curso de pedagogia foi porque era algo que eu sempre me imaginava fazendo, e uma das coisas que despertou mais o meu interesse, foi quando eu percebia a minha tia ministrando aula pois a mesma era dona de uma escola particular.

Com o passar dos anos, criei um espaço de reforço escolar, juntamente com uma colega do magistério, e percebi que a área de educação era a que me despertava maior interesse.

Ao concluir o ensino médio, decidi fazer o magistério em 2009 no Instituto de Educação da Paraíba, em João Pessoa, e no mesmo ano passei a estagiar. O contato de estágio, mesmo que breve, me permitiu perceber que o curso se propunha a ensinar com compromisso, bem como as práticas de ensino na sala de aula. E isso foi me despertando cada vez mais o meu interesse.

Ao chegar no terceiro ano do magistério decidir fazer o vestibular e consegui passar para o curso de pedagogia, em 2012. Assim como o contato de estágio que tive no Instituto de Educação da Paraíba, a licenciatura em pedagogia foi-me oportunizando com os componentes curriculares de estágio, o contato com escolares. Pude observar professores que estavam apenas ocupando um cargo, e pareciam não realizar sua prática pedagógica com compromisso e identidade. Assim como pareciam não ter se quer um mínimo de respeito com as pessoas que estavam na sala, e que abriram mão de estar em casa com seus filhos ou descansando para mais uma rotina de trabalho, e a professora pouco se importava com isso. E que questão eu poderia levantar a partir dessa realidade? Como ser uma professora que não deseja reproduzir o descaso com a prática pedagógica, com a relação professor-aluno etc.?

Ainda nos estágios obrigatórios, os relacionados à área da educação infantil não foram possíveis realizá-los em função dos horários contrários aos meus. Decidi, então, fazer na área da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pois eu já tinha uma certa experiência na educação infantil, e queria passar a conhecer outra realidade.

Na área da EJA, senti que eu poderia fazer um outro trabalho, até porque os sujeitos são outros e as demandas são outras. E partindo da mesma premissa: compromisso social e identidade com o campo da educação.

No estágio na área da EJA, durante algumas observações, pude perceber que a professora não tinha compromisso com a turma e não utilizava uma

metodologia mais dinâmica que fosse capaz de despertar o interesse dos alunos. Quando era o meu dia de estágio, a professora não se importava em me orientar sobre o planejamento, o conteúdo que eu deveria trabalhar com seus alunos. Um dado preocupante: ela me deixava sozinha com seus alunos na sala sem nenhuma supervisão; e assim que a professora saía da sala de aula, os alunos começavam a questionar a metodologia da mesma, dizendo que todo dia era a mesma coisa; e que eles queriam aprender a ler e a escrever, e a professora não ensinava isso a eles etc. E pude perceber que, com o passar do tempo, a quantidade de alunos diminuía, pois pude perceber que eles tinham uma rotina bem cansativa e as aulas eram planejadas para as turmas e isso os desmotivava, o que fazia com que eles desistissem de frequentar as aulas. Seria mais uma forma de produzir a evasão na EJA?

Sabemos que a EJA é uma modalidade de ensino da educação básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, como determina a Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que é destinada a alunos com mais de 15 anos de idade e que não tiveram a oportunidade ou precisaram desistir de estudar no período regular.

Tentar diminuir a exclusão social e dar oportunidade a adolescentes, jovens, adultos e idosos para poderem concluir a educação básica, com domínio de escrita e de leitura, é um desafio para a formação e a prática docente para que esses mesmos sujeitos possam ser inseridos nos espaços sociais e que possam ter mais autonomia, pois uma das maiores dificuldades é fazer com que esses alunos permaneçam na sala de aula. E até que ponto o professor é capaz de melhorar sua metodologia com o objetivo de instigar o estudante a permanecer na sala de aula do início ao fim do ano letivo? Como promover uma formação inicial e continuada de professores com vistas a atentar para as especificidades no campo da EJA?

A motivação dos estudantes se faz importante para se atingir objetivos, tanto individual como coletivo. Podemos dizer que a motivação é algo individual que está dentro de cada um, como também é algo externo que pode ser influenciado por alguém ou por algo, e quando não se tem motivação passamos a obter algo que não teremos resultados pois não se despertou as necessidades internas como sonhos ou desejos pessoais. Quando motivamos um aluno nós não só facilitamos a aprendizagem dele, mas fazemos com que eles identifiquem suas habilidades e passem a inseri-las no seu cotidiano.

Para Burochovitch e Bzuneck (2001 apud MORAES; VARELLA, 2007, p. 45-46):

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras ou para demonstrar competências ou habilidades [...], já a intrínseca se refere à escolha e realização de certas atividades que cause o interesse da própria pessoa.

Portanto, a motivação ou o motivo é aquilo que move uma pessoa ou aquilo que a põe em ação ou faz mudar de curso. Portanto, todos nós temos sonhos e são esses sonhos que nos tornam capazes de buscar algo, que favoreça a realização deles, alguns já sabem o que querem e sabem que são capazes de conquistar algo mais já outras pessoas precisam ser instigadas, a lutarem pela sua autonomia. E isso nos leva a pensar em alguns questionamentos: Qual a metodologia utilizada pelo professor para motivar os alunos? Os professores têm o costume de refletir sobre sua prática docente? A sala de aula tem uma estrutura confortável para os alunos? A escola possui materiais necessários para que o professor possa deixar suas aulas mais dinâmicas?

Para tentar buscar responder a essas questões, elegemos os seguintes objetivos:

Geral

1. Investigar limites e avanços enfrentados pelos docentes nas práticas de ensinar e de aprender na EJA.

Específicos

1. Caracterizar o espaço da escola e da sala de aula.
2. Conhecer as práticas pedagógicas do professor que atua na EJA.
3. Identificar as estratégias docentes presentes na sua metodologia de trabalho.
4. Apontar aspectos positivos e negativos na aprendizagem dos alunos.

2. Marco teórico

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a educação de jovens e adultos é um direito de todos aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir ou não tiveram acesso a educação formal na idade e ano escolar regulares. Portanto, a EJA se constitui como um direito público subjetivo.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. §1º os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996)

A EJA busca corrigir algumas questões sociais como a exclusão do jovem e do adulto da escola regular.

Além dos objetivos já elencados, a proposta curricular de eja preocupa-se em apresentar algumas habilidades básicas que o educador de jovens e adultos deve procurar desenvolver. São elas: a) a capacidade de solidarizar-se com os educandos; b) a disposição de encarar dificuldades como desafios estimulantes; c) a confiança na capacidade de todos de aprender e ensinar. (RIBEIRO, 1997, apud ROSA; PRADO, 2008, p. 46)

O pedagogo tem o papel de identificar cada problema, e garantir resultados que auxiliem a equipe docente, e tem como funções específicas: desenvolver projetos que contribuem para o crescimento profissional dos educadores, atua em níveis de coordenação, supervisão e ensino, auxilia os docentes com técnicas de estudo e busca integração da escola com a comunidade. É importante que o pedagogo sempre procure inovar nos métodos de ensino, pois precisa sanar os problemas enfrentados na escola, tendo em vista a diminuição da evasão escolar dos estudantes da EJA (educação de jovens e adultos). É importante o pedagogo ter

uma boa fundamentação teórica, ter conhecimento da legislação educacional, ter um bom conhecimento para a realização de um bom planejamento, pois só assim temos a garantia de uma excelente aula.

A função do pedagogo é coletiva, pois busca práticas pedagógicas que proporcionem mediações políticas, sociais, culturais e históricas da escola.

Libâneo (2004, p. 29) afirma:

Ao meu ver, a pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. O pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa.

Cada um da escola tem um papel importante com suas devidas funções. E o pedagogo tem um amplo papel na escola, mais muitas vezes não é reconhecido por suas devidas funções. Pois na escola e em sala de aula passamos por bastantes problemas educativos, e o pedagogo tem um papel importante, pois busca solucionar esses problemas e tendo em vista o melhor desempenho dos estudantes, e metodologias que visem à “melhora” no ensino e aprendizagem desses jovens.

Para Gadotti (2004, p. 30):

Fazer pedagogia é fazer prática teórica por excelência. [...]. Descobrir e elaborar instrumentos de ação social. Nela se realiza de forma essencial, a unidade entre teoria e prática. [...]. O pedagogo é aquele que não fica indiferente, neutro, diante da realidade. Procura intervir e aprender com a realidade em processo. O conflito, por isso, está na base de toda a pedagogia.

A função do pedagogo não deve ser pensada individualmente, pois o pedagogo tem que trabalhar coletivamente, pois ele visa à educação da escola de um modo geral.

O pedagogo ainda busca o seu espaço em meio a sociedade, e para uma educação de qualidade seria bastante importante a valorização desse profissional. É um profissional importante para toda a escola, ele não irá resolver todos os problemas mais pensará na melhor maneira para trazer um avanço na educação da escola, ele precisa ter um domínio teórico e não apenas metodológico, claro que ambos são importantes, mais um contempla o outro e essa união possibilita a qualidade cognitiva dos estudantes. Mas, há uma necessidade de se ter “passo firme” e o Brasil tenha uma legislação que vise esse profissional e valorize e der a oportunidade do pedagogo desenvolver essas funções com qualidade.

A atuação do pedagogo na EJA envolve a equipe pedagógica, professores, direção tempo espaço e saberes.

O pedagogo pode surgir também como um incentivador, principalmente, com questões relacionadas à EJA, onde eles não deveriam ter vergonha mais tivessem orgulho de enfrentar a rotina e as barreiras voltando a estudar, muitos chegam na sala de aula extremamente cansados mais otimistas mais precisam ser motivados pelos professores para que esse otimismo não venha a cair fazendo com que eles desistam e deixem de serem inseridos da devida maneira na sociedade, e isso deve ser feito desde a sala de aula mostrando que eles são importantes e ouvir suas experiências, conhecer sobre a história desses jovens para que um venha a incentivar o outro, e que eles saibam que o professor não é o papel mais importante da escola mais que eles é o professor são importantes juntos. Porém, para isso o pedagogo deve mostrar sua valorização inserindo suas práticas educativas ao cotidiano dos estudantes, e que procure sempre trabalhar com projetos, que possa ampliar os horizontes deles, pois eles vão compartilhar as suas experiências vividas para que eles possam reconstruir os seus saberes.

O pedagogo é um profissional que domina determinados saberes, que, em situação, transforma e dá novas configurações a estes saberes e, ao mesmo tempo, assegura a dimensão ética dos saberes que dão suporte à sua práxis no cotidiano do seu trabalho.
(PIMENTA, 2004, p. 11)

Muito se questiona sobre a falta de estrutura na escola, o que é um “grave problema” sim, mais isso não significa que eu como profissional passe a deixar a

desejar no meu trabalho ou não cumpra com minhas responsabilidades, pois a falta de estrutura da escola ou falta de verbas do governo não tem nada a ver com minha base teórica e responsabilidade como pedagoga, onde poderei acolher esse aluno e fazê-lo permanecer na sala de aula com estratégias que os motive e mostre que são capazes, e que favoreça a criticidade desses alunos, para que eles tenham como se opor perante a sociedade e tenham o conhecimento dos seus direitos. O pedagogo tem que se aperfeiçoar para que seja capaz de reverter situações negativas que são postas pela própria sociedade com relação à EJA.

Sobre esse aspecto, Libâneo (1996, p. 127) afirma que:

A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula. É fato que o número de escolas está sempre aumentando. Há uma tendência de construção de escolas cada vez maior, com consequências na organização do espaço físico e dos recursos materiais, na gestão do processo organizativo, na organização administrativa e curricular, na coordenação das atividades pedagógico-didáticas dos professores. São tarefas complexas que requerem habilidades e conhecimentos especializados, tanto quanto se requer por parte do professor conhecimento especializado da matéria que leciona.

O pedagogo deve procurar buscar a autonomia desses jovens e adultos buscando uma metodologia que possa alcançar a diversidade da sala da EJA.

Como Paulo Freire (1993) assinala que quanto mais o educador estiver se especializando e explorando “coisas” novas, pois, o professor precisa ter o conhecimento necessário para passar o conteúdo para o estudante pois precisa ensinar certo. Pois o educador se torna competente para ter as estratégias eficazes em sala, deve sempre haver uma reciclagem para que o professor possa aprimorar os seus conhecimentos, pois a professor ele sempre vai passar pelo processo de qualificação, pois a formação do professor é um processo inacabado onde sempre há necessidade de se buscar mais, se pesquisar mais, se posicionar sobre sua área

de atuação e estar sempre se qualificando para a garantia de práticas competentes em sala de aula.

[...] A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 1993, p. 28)

É muito importante que o pedagogo passe para os estudantes que todos têm a capacidade de aprender independente da sua idade, que com esforço e dedicação são capazes de conquistar os objetivos, eles se sentem limitados por algo que aconteceu na vida deles, e tem a visão de fracasso, mais temos que interferir nessa visão e mostrar, que em algum momento da vida podemos fracassar sim, mais devemos continuar tentando, para se alcançar o que se deseja.

Ao discutir formação de adultos, devemos pensar que é importante a qualificação sim; mas que a experiência influencia muito por isso o educador deve associar a prática à teoria, pois os dois devem sempre “andar” juntos.

Nesse sentido, Nóvoa e Finger (apud ROSA; PRADO, 2008) expõem seis princípios de formação que podem ser úteis para práticas educativas com jovens e adultos:

1º princípio: o adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional, as suas vivências e os contextos sociais, culturais e institucionais em que as realizou são fundamentais para perceber o seu processo de formação. Mais importante do que pensar em formação é, o modo como ele se apropria do seu patrimônio vivencial através de uma dinâmica de “compreensão retrospectiva”.

2º princípio: a formação é sempre um processo de formação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimentos), do saber-fazer (capacidades) e do saber-ser (atitude). Para atingir este objetivo é necessário: ser estimulada uma estratégia de autoformação, pois ninguém forma ninguém, bem como, [...] A

formação participada que permita uma interação constante e uma cooperação no seio da equipe de trabalho.

3° princípio: a formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua atividade profissional. Para atingir tal objetivo é necessário haver [...] Uma grande implicação das instituições, e ser celebrado uma espécie de contrato de formação entre as três partes interessadas (equipe de formação, formando e instituição) [...], com uma estratégia de formação em alternância, que viabilize uma ligação estrutural entre os espaços de formação e de trabalho [...] E se a formação for entendida, não só como um contributo futuro para uma mudança institucional, mas também como um elemento atuante (no presente) das dinâmicas institucionais.

4° princípio: formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problema. A formação faz-se na “produção”, e não no “consumo do saber.” Para isto é necessário praticar três conceitos fundamentais da formação de adultos: formação-ação (a formação deve organizar-se numa tensão permanente entre a reflexão e a intervenção); a formação-investigação (a formação deve basear-se no desenvolvimento de um projeto de investigação); e formação inovação (a formação deve ser encarada como uma função integradora, institucionalmente ligada à mudança).

5° princípio: a formação deve ter um cariz “aparência” essencialmente estratégico, preocupando-se em desenvolver nos formandos as competências necessárias para mobilizarem em situações concretas os recursos teóricos e técnicos adquiridos durante a formação. Para isto é necessário definir rigorosamente os objetivos da formação.

6° princípio: e não nos esqueçamos nunca, o homem caracteriza-se, sobretudo, pela capacidade de ultrapassar as situações, pelo que consegue fazer com que os outros fizeram dele. A formação tem de passar por aqui [...]. (ROSA; PRADO, 2008, p. 116-117)

Tais princípios falam exatamente do ponto de partida que o educador deve ter, para se garantir que a sua formação irá gerar um bom aproveitamento, o

educador não deve se prender apenas a formação inicial (graduação), ele tem que buscar conhecimentos sempre além, para a garantia de um ensino de qualidade.

O pedagogo tem que saber reaproveitar os conhecimentos existentes dos estudantes da EJA, para que mesmo na sala de aula eles já comecem a ver que são valorizados, e que o conhecimento que eles adquiriram na sua trajetória vivida tem sua importância, pois se tem a educação formal e informal, e ambas vão fazer toda a diferença durante a sua vida, e que todo conhecimento é válido. E quebrar tabus onde se sabe que apenas o professor pode falar que só o conhecimento do professor é significativo, mais que o professor é capaz de aprender também com os alunos, é que se pode haver essa troca de conhecimento, e proporcionar uma boa relação, entre professor e aluno.

De acordo com a CONFINTEA V:

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas "adultas" pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (UNESCO, 1997, p. 42)

É importante salientar que devemos levar em conta que para ser professor da EJA é necessário que se tenha "amor", em primeiro lugar e depois que seja qualificado para atuar, e é importante que as aulas sejam dialogadas como sugere Paulo Freire, e a metodologia tem que ser pensada e diferenciada, e todos os dias o professor deve se reavaliar para ver se há a necessidade de fazer alguma alteração com relação as suas práticas pedagógicas.

As escolas têm vagas para a educação de jovens e adultos, mais esses jovens não se sentem incentivados a estarem em sala de aula muitos vão e desistem, pois não se sentem acolhidos e verificamos que a EJA não é pensada para eles, ao se depararem com a falta de compromisso dos professores com eles.

É bem fácil identificar uma grande quantidade de analfabetos no Brasil, por este motivo foi criada a modalidade de ensino EJA (Educação de jovens e Adultos)

para alfabetização desses jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos ou de entrar em uma sala de aula na idade prevista, e tomaram essa decisão para terem garantia de uma melhor qualidade de vida, e serem inseridos de uma maneira significativa na sociedade e no mercado de trabalho. A metodologia indicada para os alunos da EJA deve ser baseada em Paulo Freire pois só assim, podemos fazer com que os estudantes possam ser um ser crítico, levando em conta que, os alunos da EJA já possuem um conhecimento, saberes, e o professor pode trazer o conteúdo que deve ser aplicado levando em conta a rotina dos estudantes. O professor pode ser o mediador no processo de construção do conhecimento dos estudantes da EJA.

Um dos métodos referenciados e trabalhados na EJA é o método das palavras geradoras de Paulo Freire, pois a partir do momento que os estudantes buscam novas palavras eles passam a eles passam pelo processo de conscientização e compreensão de mundo, o alfabetizador passa a orientar esse trabalho ao qual deve ser feito em um círculo na sala de aula para que todos possam ter contato um com o outro.

Sobre esse aspecto, Freire (1987, p. 31-32) diz que:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação que não chegaram por acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Verificamos, frequentemente, discursos do governo onde diz querer melhorar a educação, porém não é bem o que acontece muitas lacunas da educação são geradas por causa da falta de investimentos na educação. Com salas de aula sem estrutura para receber esses estudantes.

Diante dessas considerações, o Parecer nº 11/2000 de relatoria do Prof. Carlos Jamyl Cury afirma que com relação à formação docente para a educação de jovens e adultos:

A formação dos docentes de qualquer nível ou modalidade deve considerar como meta o disposto no art. 22 da LDB. Ela estipula que

a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Este fim, voltado para todo e qualquer estudante, seja para evitar discriminações, seja para atender o próprio art. 61 da mesma LDB, é claro a este respeito: A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase de desenvolvimento do educando...

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (BRASIL, 2000, p. 56)

É notável identificarmos a falta de preparo dos profissionais da EJA, se observarmos muitos não se dedicam somente ao ensino da EJA, porque provavelmente já são docentes na educação infantil e quando surge a oportunidade de ministrar aula na EJA normalmente é para complemento de suas cargas horárias.

É importante que esse professor esteja sempre se atualizando com tudo que esta acontecendo, e possa interdisciplinaridade do conteúdo, com a realidade deles para que se tenha um maior interesse por parte dos alunos.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo de caso, tendo por base a história oral (MEIHY; HOLANDA, 2014), com a utilização de uma entrevista do tipo semiestruturada (GIL, 2008), e a observação na prática do professor, materiais pedagógicos utilizados pelas professoras que colaboraram com a pesquisa, do Ciclo 2.

O objetivo da presente investigação foi identificar e analisar as práticas pedagógicas utilizadas pela professora do ensino na EJA na Escola Estadual Henrique Miranda, localizada no município de João Pessoa, em mangabeira IV. Portanto, a pesquisa foi realizada com a professora na Turma do Ciclo 2 da EJA.

Sobre os primeiros contatos com os professores da EJA, tivemos um “bom” acolhimento tanto pela equipe da direção como pela professora que me possibilitou assistir as aulas avaliar, tudo que estava sendo feito em sala, inclusive me possibilitou o diálogo com a professora para que ela me respondesse as possíveis perguntas da entrevista.

A pesquisa foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2017, com a minha ida à Escola Henrique Miranda, situada no bairro de Mangabeira IV no município de João Pessoa. A escola atende a toda a comunidade, é localizada em uma principal, mais se existe duas escolas nas proximidades o que favorece uma maior opção a todos do bairro. A instituição disponibiliza do ensino fundamental durante o dia, e à noite tem-se do Ciclo I ao Ciclo V. A professora do ciclo II nos recebeu “muito bem” e disponibilizou uma parte do seu tempo depois do expediente para responder a entrevista, observei a estrutura escolar e a sala de aula vendo se é um ambiente acolhedor, e que facilite a prática do professor e ver se ele está com compromisso com os seus alunos, e suas estratégias para planejar a aula, assim como recursos utilizados. Para que haja a preservação da profissional entrevistada, a mesma será tratada como professora do ciclo II.

A primeira pesquisa foi realizada no dia 6 de setembro de 2017. Foi realizada uma coleta de dados com o uso de equipamento eletrônico, onde a professora forneceu o consentimento para a gravação das suas respostas em áudio, e que depois eu iria transcrever e analisar.

3.1 Contexto da pesquisa

A escola eu já conhecia, pois venho realizando os Estágios Supervisionados na área da Educação de Jovens e Adultos entre os anos de 2015 e 2017, e pude perceber que a sala de aula não acolhia esses jovens devidamente, pois ela era uma sala da educação infantil e era toda infantilizada com castelos no canto da leitura, e via que os professores ficavam até sem espaços para deixar a sala mais acolhedora e mais adulta. E acompanhei uma professora que apresentava dificuldade no trabalho, e comecei a observar falta de motivação não só dos estudantes como da professora, e comecei a querer entender porque que a professora não buscava outros métodos de ensino, para que ela saísse da mesmice, e passei a questionar isso com ela e ela me falou que tem algumas dificuldades em pegar materiais, pois o mesmo sempre está trancado à noite dificultando seu acesso. E que por várias vezes planejada com *datashow* e outros recursos passavam a não serem executados, e a professora tinha que ir para o “improviso”. Ela afirmou que essa realidade passou a ser rotina na sala de aula, e ela foi perdendo o interesse de planejar dinâmicas para as suas aulas.

E eu conversando com ela professora falei que a falta de recursos ou qualquer outro motivo não poderia prejudicar os seus alunos ou deixar a desejar no profissionalismo, pois mesmo com as dificuldades ela deveria encontrar maneiras de ultrapassar as barreiras para que não houvesse evasão, pois a realidade do estudante da EJA não é nada fácil, e eles enfrentam muitas coisas para estarem em sala de aula, e ela disse que realmente, iria repensar sua prática, voltada para que haja uma melhor aprendizagem do estudante e que eles se firmassem em sala de aula.

As aulas se iniciam um pouco mais tarde como de costume, pois primeiramente é servido o lanche, e depois se inicia a aula isso já ocorre porque muitos chegavam à sala com fome e isso dificultava o seu rendimento, por isso foi feita essa alteração no horário. A sala de aula tem característica “bancária” com as cadeiras enfileiradas.

Antes do início das aulas, observamos que a professora faz uma oração pois ela é protestante. Também pudemos perceber que na sala tinha um aparelho de televisão. O problema é que ela não tinha tecnologia para DVD e *pendrive*. Realmente fica claro que a televisão não estava lá para ser utilizada como recurso, já que a mesma só funciona apenas um canal.

O lanche passa a ser servido às 19:00 h, e as aulas iniciam-se às 19:30 h. Depois da oração, a professora avisa que a aula será de matemática, aonde o conteúdo a ser ensinado será “arme e efetue operações”. Acrescenta, inclusive, que ela mesma disse que iria “armar” para facilitar para eles.

Depois que todos copiaram o conteúdo colocado no quadro branco pela professora, eles passaram a responder a atividade proposta. E a entregou outra atividade na folha de adição, e pediu para que eles respondessem primeiro a da folha já que era prova, mas a prova pensei que era um rascunho para auxiliar a docente, pois não tinha cabeçalho, e não tive a oportunidade de tirar a foto da prova. Depois ela respondeu no quadro a atividade copiada pelos estudantes, e eles participavam das respostas. Depois ela copiou mais umas questões de adição, e disse que seria uma atividade para casa, mais os estudantes já foram questionando que iriam resolver assim que chegassem pois não iria ter tempo de fazer. A turma foi dispensada às 21:00 h. Após liberada a turma, a professora se dispôs a responder a minha entrevista.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EJA

Para buscar responder ao objetivo da presente investigação – a prática pedagógica do trabalho docente na EJA –, e ao buscarmos conhecer como a professora, regente do Ciclo II optou pela formação no magistério, ela afirmou como podemos observar no depoimento abaixo que:

Eu fiz um curso no IFPB, e comecei a ver os alunos da EJA, quais as metodologias utilizadas, e gostei muito do método de Paulo Freire, pois ele trabalha com a vivência e traz para a sala de aula o dia a dia do aluno. E fiz esse curso durante 3 dias, e recebi o certificado e tudo tenho até na minha casa.

Tenho magistério, pedagogia e estou fazendo psicopedagogia.
(Professora Ciclo II)

De acordo com a professora da EJA, pudemos observar que ela tem uma formação no magistério e na pedagogia, e, no momento da entrevista, ela nos informou que iniciou uma pós-graduação, *lato sensu*, na área da psicopedagogia. Não atuar na EJA, por não ser uma prioridade, considerando que a sua formação deveria ter sido na área da EJA. Seria a EJA algo apenas para complementar a sua carga horária?

De acordo com o Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (2007), dever haver uma criação de uma rede de formação e pesquisa que deverá ser concebida com a contribuição do segmento de universidades, dos Fóruns de EJA, coordenação da ANPED e segmento de educadores populares e professores da rede pública.

E como se dá no município de João Pessoa projetos de formação continuada na EJA? Para se trabalhar na EJA o docente precisa ter um amplo conhecimento, pois a sua prática não se resume apenas a ministrar a aula sobre o conteúdo, e sim contextualizar para que desperte o interesse dos estudantes e que eles vejam um sentido a mais nas aulas.

Possivelmente, nem sempre a educação de jovens e adultos foi contemplada no currículo de formação de professor, e principalmente nesses casos o professor deve investir em uma formação continuada.

Deveria até mesmo ser uma exigência para a contratação desse docente se ele não estiver apto não deveria ser aceito para ministrar aula, e, sim, garanti-lo o direito à formação continuada.

Assumir-se enquanto educador e optar conscientemente por um curso que credencie para o exercício da profissão é um dos primeiros passos na direção da construção da identidade docente. Tal reconhecimento e escola estão hoje comprometidos em função da representação social da profissão, fortemente marcada por um sentimento de inferioridade, mediocridade e incapacidade. (DINIZ PEREIRA; FONSECA, 2001, p. 58)

O docente tem que passar pelo processo de identificação onde ele deve atuar na área de seu interesse, pois o professor tem um compromisso muito grande com o estudante. Pois, ele tem de ter consciência do momento histórico em que vivemos, deve associar os conteúdos ao o que está acontecendo atualmente, para que os estudantes possam ter autonomia para comentar algo e se posicionar.

A capacitação crescente do educador se faz, assim, por duas vias: a via externa, representada por cursos de aperfeiçoamento, seminários, leitura de periódicos especializados etc.; e a via interior, que é a indagação à qual cada professor se submete, relativa ao cumprimento de seu papel social. Uma forma em que se pratica com grande eficiência esta análise é o debate coletivo, a crítica recíproca, a permuta de ponto de vista, para que os educadores conheçam as opiniões de seus colegas sobre os problemas comuns, as sugestões que outros fazem e se aproveitam das conclusões destes debates. (PINTO, 2010, p. 115-116)

Por isso, vale salientar que há a necessidade de mais pesquisas na EJA para que haja uma melhoria no ensino, mais isso seria ainda mais “fácil” se a instituição orientasse do professor uma formação continuada ou especialização visando a melhoria do seu trabalho, e uma conseqüente melhor aprendizagem do aluno, pois a teoria e a prática devem ser trabalhadas juntas, e não se trata de um processo simples e exige tempo e dedicação.

Nos estágios supervisionados na área da EJA que estive presente, pude perceber que uma infantilização na sala de aula onde não há uma preparação para receber esses alunos, pois não há uma sala própria. E a mesma afirmou o seguinte:

A sala de aula da EJA é infantilizada, e os livros não trazem nada da realidade deles, deveriam abordar o dia a dia, ambiente de trabalho, o que eles fazem; e eles são diferentes da criança pois a criança é um livro “em branco”, e os adultos já possuem uma vivência e precisam ser alfabetizados até mesmo para pegarem um transporte para ir ao trabalho, ler um jornal, uma revista, para trazer coisas do dia a dia. (Professora do Ciclo II)

Sob esse aspecto, Di Pierro (2005) aponta que:

[...] O paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural. Ao dirigir o olhar para a falta de experiência e conhecimento escolar dos jovens e adultos, a concepção compensatória nutre visões preconceituosas que subestimam os alunos, dificulta que os professores valorizem a cultura popular e reconheçam os conhecimentos adquiridos pelos educandos no convívio social e no trabalho. (p. 1118)

É necessário que se tenha feita uma avaliação das necessidades na EJA para que eles possam ter a formação necessária, tendo em vista que o conteúdo oferecido já é bem resumido. Evitando que esses alunos possam sofrer algum preconceito no âmbito profissional ou social.

4.2 Planejamento com as turmas de EJA

Frente à expressiva diversidade na EJA, uma das questões investigadas era compreender como a professora realiza seu planejamento para as turmas de jovens e adultos. Vejamos:

Eu faço dois planejamentos, um para os alfabetizados e outro para os que estão sendo alfabetizados. E muitos desistem, a partir do segundo semestre os alunos desistem porque muitos só querem pegar a carteira de estudante e outros porque chegam tarde do trabalho tem alunos que chegam às 20:00 h. (Professora do Ciclo II)

Como vimos acima, o que a professora do Ciclo II afirmou que são elaborados dois planejamentos de acordo com os níveis, e isso é interessante pois todos os alunos se sentem importantes e valorizados, quando a professora tende “encaixá-lo no meio”, e não são deixados de lado, o que nos mostra que há um certo compromisso dela com os alunos, mesmo a EJA não sendo a sua prioridade no momento. E ela informou que muitos desistem por não conseguirem chegar a tempo em sala e perder a maior parte da aula, ou porque tem interesse apenas em solicitar a carteira de estudante.

O Ministério da Educação propõe no currículo onde os professores devem conhecer os seus alunos, já que os alunos da EJA possuem uma “bagagem” a qual deve ser preservada, pois professor deve buscar a sensibilidade desse aluno, para que eles sejam mais críticos e resolvam as situações com mais propriedade. Nesse sentido, o Parecer nº 11/2000 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, corrobora ao afirmar que:

A sujeição aos Pareceres CEB 04/98 e 15/98 e às respectivas Res. CEB nº 02/98 e 03/98 não significam uma reprodução descontextualizada face ao caráter específico da EJA. Os princípios da contextualização e do reconhecimento de identidades pessoais e das diversidades coletivas constituem-se em diretrizes nacionais dos conteúdos curriculares. Muitos alunos da EJA têm origens em quadros de desfavorecimento social e suas experiências familiares e sociais divergem, por vezes, das expectativas, conhecimentos e aptidões que muitos docentes possuem com relação a estes

estudantes. Identificar, conhecer, distinguir e valorizar tal quadro é princípio metodológico a fim de se produzir uma atuação pedagógica capaz de produzir soluções justas, equânimes e eficazes. (BRASIL, 2000, p. 61)

A contextualização se refere aos modos como estes estudantes podem dispor de seu tempo e de seu espaço. Por isso a heterogeneidade do público da EJA merece consideração cuidadosa. A ela se dirigem adolescentes, jovens e adultos, com suas múltiplas experiências de trabalho, de vida e de situação social, aí compreendidos as práticas culturais e valores já constituídos.

Para Carlos Brandão (2002), Paulo Freire se dedicou e lutou pela educação popular, já que a escola é também uma preparação para a vida, e o conhecimento familiar pode ser vinculado com o conhecimento que vamos aprender na escola. E quanto mais interessante for as aulas mais o indivíduo aprofunda os seus conhecimentos e se posiciona mais adequadamente na sociedade pois passa a ter mais propriedade de conhecimento.

De acordo com as nossas observações em sala de aula no decorrer da trajetória acadêmica precisamos saber realmente o que propor a esse aluno, as aulas deveriam ser iniciadas com uma coleta de dados, para entender melhor a rotina desses alunos. Por exemplo, a questão da ausência do planejamento familiar em que podemos observar a ausência de controle da natalidade poderia ser um tema importante a ser inserido e discutido em sala de aula. Nesse sentido, o professor, a professora poderia apresentar um texto para a sala que refletisse sobre essa realidade, que necessariamente poderia ser métodos contraceptivos e saúde da mulher. E isso provavelmente já poderia gerar reflexões, simplesmente pelo fato de talvez elas não terem sido orientadas adequadamente ou até mesmo já estarem no “comodismo”, e ao os adultos voltarem a estudar com esses objetivos que é uma mudança de vida e outros querem apenas serem alfabetizados mais o professor pode dizer para eles que com dedicação eles chegariam cada vez mais longe.

4.3 Práticas e estratégias de ensino

Outra questão da pesquisa buscou conhecer as práticas e as estratégias pedagógicas desenvolvidas com a turma. Na fala abaixo podemos verificar a seguinte afirmação:

Uso leitura em sala de aula, exercícios no caderno e no livro quem vem do estado a secretaria da educação envia o livro selecionado, uso muito texto, pois como eles não sabem ler eles tenho que ser alfabetizados primeiro começo com as vogais as famílias e é feito esse treinamento na leitura, ditado de palavras para trabalhar a escrita e a leitura, e o computador usa todas as atividades da internet. (Professora Ciclo II)

Sobre a questão do ensinar e do aprender, segundo Lowell (1980), quando um aluno encontra uma situação de aprendizagem que se adapta ao seu estilo pessoal de aprendizado, é mais provável que aprenda quando se leva em consideração seus interesses, seus saberes. Ou seja, quando o conteúdo escolar é associado com a realidade dos estudantes da EJA é relevante eles estarem em sala porque tudo se torna mais significativo para os alunos da EJA.

Faz o planejamento semanalmente o meu objetivo é alfabetizar colocar os alunos para pensar, o raciocínio lógico, discutir o texto ele tem que aprender a ser crítico, aprender a dar sua opinião, para não ser aquela atividade onde eu falo e eles só fazem absorver. (Professora do Ciclo II)

A professora também nos explica como é feita as atividades, já que são feitos dois planejamentos:

Primeiro, eu faço para os que já sabem ler e explico, depois vou me sentar com os outros e explicou a atividade à parte: a família, encontro vocálico, consoantes, maiúscula e minúscula, as vogais e o alfabeto.

4.4. A ESCOLHA E O USO DO LIVRO DIDÁTICO

Quando questionada sobre como é realizada e de que forma se dá a escolha do livro didático para as turmas da EJA. Segundo a professora, “o livro didático é selecionado pelo Estado, e a Secretaria da Educação já envia o livro” (Professora Ciclo II).

Assim como Paulo Freire (1983) afirma, compreendemos que os sujeitos da EJA chegam à escola com experiências e conhecimentos advindos do mercado de trabalho. O desafio da escola é dialogar e motivar os alunos a partir de seus saberes, associando com a realidade deles para que a escola seja importante no momento do seu retorno aos estudos.

Alguns alunos que começaram a trabalhar chegam às 20:00 h, e isso atrapalha, eles têm que sentir vontade de aprender e o que eu posso fazer como professora é fazer com que essa vontade deles cresça, passo muitos textos didáticos de pergunta resposta, fábulas coisas do cotidiano, procuro trazer as experiências deles para a sala de aula.

Outro aspecto que surgiu na entrevista diz respeito à formação específica do docente para atuar no campo da educação de jovens e adultos. Ela afirmou que considera relevante a formação, pois o professor da “[...] da EJA tem tudo para crescer. Quando trabalhamos na EJA, principalmente, com pessoas que você sabe que trabalham e que têm compromissos, pois essas pessoas estão aqui porque elas querem” (Professora Ciclo II).

O professor da EJA é valorizado, essa é a visão da professora do ciclo II com relação a sua valorização em sala de aula. Para a professora a valorização é adquirida com tempo pelos os alunos, porque de acordo como eles vão adquirindo conhecimento eles vão sendo gratos a professora, e ela mesma pode presenciar o crescimento dos mesmos, e isso é algo que tem grande valor, mesmo o professor não recebendo o apropriado, mais a gratificação do reconhecimento dos alunos de grande importância.

Como professora da EJA, sinto-me valorizada só pelos alunos mais pelo governo não, mais eu sou valorizada porque me sinto porque eu

faço o que eu gosto, quando fazemos o que gostamos tudo é melhor, não adianta eu estar em um hospital ou em outro canto e eu me sinta frustrada.

A professora também nos fala que tem uma enorme dificuldade nos conteúdos, pois há alunos que faltam bastante e quando retornam não conseguem ter propriedade de conhecimento porque perderam alguns conteúdos. Quando os alunos faltam isso acaba provocando a queda no desenvolvimento dos conteúdos e andamento das atividades, porque muitas vezes deve-se voltar do início, para que os que faltam possam entender, e os motivos das faltas são diversos e isso é algo frequente em sala.

Uma grande dificuldade que tenho é que quando estou bem adiantada no conteúdo chega falta uns alunos ai isso atrapalha o meu planejamento, não posso explicar pela metade de jeito nenhum.

Segundo a professora ela sente dificuldade, com os alunos que não

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo a observação pude compreender que a professora sabe como trabalhar com os alunos, o uso dos recursos que deve trazer para a sala de aula; mas que por algum motivo ela não traz jornais e revistas, esse fato não tem nada a ver com a escola, se a mesma não disponibiliza o docente para poder ir atrás desse material e trabalha-lo com os alunos em sala de aula.

Nem sempre devemos culpar o próximo por falhas nossas, que podem ser corrigidas se achamos que tem algo que pode melhorar porque não tentar utilizar, e valorizar o tempo que esse estudante parou para adquirir o conhecimento que é essencial para a sua inserção social como cidadã na sociedade.

A metodologia que a professora utiliza é bastante interessante porque além dos materiais didáticos ofertados pela escola, ela traz revistas e jornal. Ela pode associar os acontecimentos que estão na realidade dos alunos, e tentar introduzir os conteúdos. Pois, deve desenvolver a aprendizagem e integração, em meio a diversidade cultural já que quando falamos em EJA falamos de uma grande diversidade de pessoas o que pode dificultar a elaboração do planejamento pois deve-se pensar em todas as realidades.

É muito importante que o professor se dedique a ler sempre e procurar incentivar os alunos a ler, para que eles desenvolvam a leitura e busquem o conhecimento de determinados assuntos do interesse deles. E devem valorizar suas experiências e esses saberes devem ser introduzidos nas suas práticas pedagógicas. E deve sempre está disposto a realizar pesquisas para que possa lidar com as situações em sala, pois devemos trabalhar cientificamente e de forma reflexiva. Acreditamos que deve ter uma troca de conhecimento de saberes entre docente e discente.

É importante ter esse cuidado para garantir a permanência do aluno, o professor deve sempre estar procurando incentivos para garantir a aprendizagem, e se o professor for realmente comprometido, ele pode mostrar para os que se sintam desmotivados que se houver um pouco mais de dedicação por parte deles, vão perceber que eles são capazes para aprender e a desenvolver outras linguagens importantes para o seu processo de escolarização.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394/96, de 20' de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27.833 - 27.841.

DECLARAÇÃO DE HAMBURGO. **V Conferência internacional sobre a educação de adultos**. Brasília: SESI; UNESCO, 1999.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AS DIMENSÕES POLÍTICA, PROFISSIONAL E PESSOAL NA FORMAÇÃO DOCENTE
<<http://www.revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/viewFile/818/625>. Acesso em 15/08/2017 Rosa e Prado.

Acesso em 21/08/2017

<http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/4a.pdf> . acesso em 28/08/2017

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSA, Ana Cristina Silva da; PRADO, Edna. Educação de jovens e adultos: as dimensões política, profissional e pessoal na formação docente. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, **10(2)**:103-122, 2008.

http://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/a_motivacao_em_sala_de_aula_e_o_processo_de_aprendizagem.pdf

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/papel_pedagogo_gestao_seed.pdf

https://issuu.com/clientesativos/docs/sc_af-abracicon-16_1_be389e18581c91/35

http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/mod5bloco4/texto-reflexoes_sobre_estagio-e-pratica-de-ensino.pdf

Freire, pedagogia do oprimido , 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Educação e realidade

<<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/26138/15253>

TRANSFORMAÇÕES NAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL NO INÍCIO DO TERCEIRO MILÊNIO: UMA ANÁLISE DAS AGENDAS NACIONAL E INTERNACIONAL, Di Pierro e Haddad.

Acesso em:

<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00197.pdf>

<http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/1207/MOTIVA%C3%87%C3%83O%20E%20APRENDIZAGEM%20Clara%20Rita%20Oliveira%20Sobral%20ULHT.pdf?squence=1>

Vygotsky, **pensamento linguagem e consciência**, (1989) Acesso em 21/08/2017

Livro em pdf

[https://books.google.com.br/books?id=BXq7tVTZ83wC&pg=PA18&lpg=PA18&dq=Para+Vygotsky\(1989\),+pensamento+linguagem+e+consci%C3%Aancia\(+fun%C3%A7%C3%B5es+ps%C3%ADquicas\)+t%C3%AAm+origem+nas+rela%C3%A7%C3%B5es+reais+entre+os+homens.&source=bl&ots=brQA-TtXoW&sig=ey19a_jaUe_1INRVRQPWfTaWkIY&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi6scKt4r3XAhUKkZAKHVZkBfoQ6AEINjAC#v=onepage&q=Para%20Vygotsky\(1989\)%20pensamento%20linguagem%20e%20consci%C3%Aancia\(%20fun%C3%A7%C3%B5es%20ps%C3%ADquicas\)%20t%C3%AAm%20origem%20nas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20reais%20entre%20os%20homens.&f=false](https://books.google.com.br/books?id=BXq7tVTZ83wC&pg=PA18&lpg=PA18&dq=Para+Vygotsky(1989),+pensamento+linguagem+e+consci%C3%Aancia(+fun%C3%A7%C3%B5es+ps%C3%ADquicas)+t%C3%AAm+origem+nas+rela%C3%A7%C3%B5es+reais+entre+os+homens.&source=bl&ots=brQA-TtXoW&sig=ey19a_jaUe_1INRVRQPWfTaWkIY&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi6scKt4r3XAhUKkZAKHVZkBfoQ6AEINjAC#v=onepage&q=Para%20Vygotsky(1989)%20pensamento%20linguagem%20e%20consci%C3%Aancia(%20fun%C3%A7%C3%B5es%20ps%C3%ADquicas)%20t%C3%AAm%20origem%20nas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20reais%20entre%20os%20homens.&f=false)